

A MEMÓRIA HISTÓRICA SOB O OLHAR DE UMA MEMÓRIA VIVA: REMINISCÊNCIAS E HISTÓRIA DE VIDA DE UM LIVREIRO NO CENTRO DE FORTALEZA - CE (ST 9 – CIDADE, HISTÓRIA E CULTURA EM DISPUTA)

Edilson da Silva Porto Neto

Universidade Estadual do Ceará (UECE) | edilson.neto@aluno.uece.br

Jeremias Raulino Camelo

Universidade Estadual do Ceará (UECE) | jeremias.raulino@aluno.uece.br

Iuri Furini Lopes da Silva

Universidade Estadual do Ceará (UECE) | iuri.furini@aluno.uece.br

Sessão Temática 9: Cidade, história e cultura em disputa.

Resumo: Este manuscrito promove o debate da memória histórica da cidade de Fortaleza, em especial da sua área central, a partir das reminiscências e das oralidades de uma pessoa idosa que colaborou aqui com a construção dessa pesquisa. Nesse âmbito, este sujeito em questão, ao nosso ver, tem um protagonismo eminente quanto ao seu ofício que desenvolve enquanto livreiro, localizado na rua 24 de Maio – Centro. Oportunamente, o mesmo aceitou ser entrevistado a fim de contar e narrar os principais episódios, cenas e fatos que fizeram parte de sua trajetória de vida, não como morador do centro, mas como um habitante, um agente socioespacial, um comerciante de livros no sebo que supramencionamos. Com 83 anos, percebe-se a lucidez com que este expõe, com riqueza de detalhes, como era o Centro de Fortaleza na sua geração, nos idos do século XX. Seus relatos e narrativas confirmam com os escritos de memorialistas e historiadores no esforço incessante de rememorar o passado para que não seja esquecido pela geração atual. Reconhecemos o papel fundamental do interlocutor como um símbolo de resistência e memória viva de nossa capital.

Palavras-chave: Memória da cidade; Centro de Fortaleza; História de vida; História Oral.

HISTORICAL MEMORY FROM THE PERSPECTIVE OF A LIVING MEMORY: REMINISCENCES AND LIFE STORY OF A BOOKSELLER IN THE CENTER OF FORTALEZA - CE

Abstract: *This manuscript promotes the debate on the historical memory of the city of Fortaleza, especially its downtown area, based on the reminiscences and oral histories of an elderly person who collaborated with the construction of this research. In this context, this subject in question, in our view, has an eminent role in his profession as a bookseller, located on Rua 24 de Maio – Centro. He opportunely agreed to be interviewed in order to tell and narrate the main episodes, scenes and facts that were part of his life trajectory, not as a resident of the downtown area, but as an inhabitant, a socio-spatial agent, a bookseller in the aforementioned second-hand bookstore. At 83 years of age, one can perceive the lucidity with which he exposes, in rich detail, what the downtown area of Fortaleza was like in his generation, back in the 20th century. His reports and narratives confirm the writings of memorialists and historians in the incessant effort to remember the past so that it is not forgotten by the current generation. We recognize the fundamental role of the interlocutor as a symbol of resistance and living memory of our capital.*

Keywords: *City memory; Center of Fortaleza; Life history; Oral history.*

MEMORIA HISTÓRICA A TRAVÉS DE LA MIRADA DE UNA MEMORIA VIVA: REMINISCENCIAS E HISTORIA DE VIDA DE UNA VENDEDORA DE LIBROS EN EL CENTRO DE FORTALEZA - CE

Resumen: *Este manuscrito promueve el debate sobre la memoria histórica de la ciudad de Fortaleza, especialmente de su zona central, a partir de las reminiscencias y declaraciones orales de una persona mayor que colaboró aquí con la construcción de esta investigación. En este contexto, el tema en cuestión, a nuestro juicio, tiene un papel eminente en su oficio de librero, ubicado en la Rua 24 de Maio – Centro. Oportunamente accedió a ser entrevistado para contar y narrar los principales episodios, escenas y hechos que formaron parte de su trayectoria vital, no como habitante del centro, sino como habitante, agente socioespacial, librero, en la librería de segunda mano que os comentamos anteriormente. A sus 83 años, se nota la lucidez con la que explica, con lujo de detalles, cómo era el Centro de Fortaleza en su generación, en el siglo XX. Sus informes y narrativas confirman los escritos de los autores de memorias e historiadores en el incesante esfuerzo por recordar el pasado para que la generación actual no lo olvide. Reconocemos el papel fundamental del interlocutor como símbolo de resistencia y memoria viva de nuestra capital.*

Palabras clave: *Memoria de la ciudad; Centro de Fortaleza; Historia de vida; Historia oral.*

INTRODUÇÃO

A história da cidade perpassa a história dos habitantes que vivem nela. A própria cidade em si é uma construção humana e social. Nela, cotidianamente, realizamos atividades rotineiras nas mais diversas instâncias do vivido. De geração a geração, herdamos de nossos ancestrais ou descendentes habilidades, técnicas, saberes e fazeres que incorporamos, sobretudo, em nossa formação pessoal e subjetiva.

Ao mesmo tempo em que se recorre a uma memória individual, no campo das subjetividades do ser em ação no espaço, começamos a dar *corpus* à memória social, visto que o primeiro, segundo Halbswachs (2004, p. 53), complementa o segundo, um sendo de cunho pessoal, de conteúdos mais introspectivos, e o outro estaria para modos atitudinais ou comportamentais de uma memória que se constitui coletivamente, no espírito de grupos sociais:

Haveria então memórias individuais e, se o quisermos, memórias coletivas. Em outros termos, o indivíduo participaria de duas espécies de memórias. Mas, conforme participe de uma ou de outra, adotaria duas atitudes muito diferentes e mesmo contrárias. De um lado, é no quadro de sua personalidade, ou de sua vida pessoal, que viriam tomar lugar suas lembranças: aquelas que lhe são comuns com outras não seriam consideradas por ele a não ser sob o aspecto que lhe interessa, na medida em que ele se distingue delas. De outra parte, ele seria capaz, em alguns momentos, de se comportar simplesmente como membro de um grupo que contribui para evocar e manter as lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo.

De acordo com o autor, temos maneiras individualizadas de se apropriar de fatos do cotidiano, uma vez que ativamos o recurso da nossa memória, a capacidade de reter cenas e imagens que nos atravessam pelas nossas percepções, e daí reelaboramos mental e cognitivamente, processando-as ao nosso modo e, inclusive, pelos significados que estas experiências tem para cada indivíduo. Ao defender um ponto de vista ou argumento sobre determinado assunto, envolvemo-nos através da interação social com os demais que se consorciam com nossos pensamentos, formando assim comunidades ou grupos que apoiam uma determinada ideologia ou com sentimentos que ecoam por uma ou mais rede de relações.

O escopo desta pesquisa reflete sobre a memória individual e coletiva de um ser idoso que possui uma importância histórica e cultural para o Centro da cidade, visto que, além de ser uma figura popular e benquista, faz parte da vida comercial e social intrínseca daquela área. Justamente pelo seu fazer tão necessário para a comunidade de intelectuais, principalmente, o sujeito dia após dia tece relações de afetividade com o seu público, no caso sua clientela fiel que lhe procura para achar obras raras ou antigas que tratem de temáticas as mais variadas sobre áreas de conhecimento que vão desde Sociologia às Ciências Exatas.

Falar de sua história de vida significa trazer à tona os aspectos ou vivências que foram marcantes num tempo pretérito, até mesmo para a constituição da identidade sempre em constante atualização quando tenta-se extrair das lembranças os conteúdos de um contexto social, político e cultural específico.

Entrementes, Valença e Reis (2015, p. 267) declaram que:

Ao dar atenção às histórias de vida da pessoa idosa, obtém-se o testemunho subjetivo do indivíduo, à luz das suas experiências e da sua vida particular. Estas podem refletir uma época, suas normas sociais e os valores partilhados pela sociedade nos diversos contextos históricos. Assim, por meio das lembranças, podemos ter contato com as experiências vividas, e seus sentidos podem ser transmitidos ao longo das gerações influenciando a compreensão do mundo atual.

As representações sociais que fazemos por meio da abstração do real depende e varia conforme as estruturas mentais e as formas de agir, de pensar e de sentir do ser no mundo material. Também as concepções e percepções de cada pessoa estarão condicionadas aos fatores do sexo, idade e gênero, já que vemos e sentimos o exterior pelas impressões que vêm de dentro, pelas múltiplas formas de expressar quem somos. A pessoa idosa vai se sentir mais confiante e confortável reverberando acontecimentos de um passado que, na sua essência se traduz num modo social bastante tradicional, em que a população vivia conforme normas e códigos sociais pré-estabelecidos. Descrever e compartilhar esse modo de vida comum ao narrador é saber valorizar igualmente o tempo e possibilitar que o outro conheça, pelo exercício da oralidade, a base sociocultural de uma Fortaleza antiga.

Outroassim, o sebo, no qual recebe o nome de quem o administra, possui a fundamental missão de possibilitar ambientes de leitura em seu interior. Em cada prateleira ou estante, o acervo inesgotável de obras dá a oportunidade para que todas as classes possam desfrutar dos saberes, justamente porque ali é um local onde o barateamento dos preços dos livros é uma estratégia para aproximar o universo de leitores em potencial, muitas das vezes aqueles mais carentes. Neste sebo em específico, situado na rua 24 de maio, no Centro de Fortaleza, verifica-se seu valor histórico e simbólico na vida cotidiana dos cidadãos fortalezenses, haja vista que é um comércio de livros usados bastante antigo e assume, assim, esta característica.

O trabalho do sebista o coloca em contato direto e em diálogo constante com vários atores sociais – estudantes, professores, escritores, memorialistas, historiadores, geógrafos, etc. -, e isso faz com que, através das histórias suas e do outro nessas interações, hajam trocas e o fortalecimento da memória. O processo de interação se faz necessário para a continuidade de tradições orais. A transformação da urbe em Fortaleza modificou drasticamente a cultura tanto material quanto imaterial da população, inclusive no sentido de resguardar os traços característicos de uma geração, os hábitos e os padrões sociais que antes eram reproduzidos, como o movimento de modernização, aformoseamento da cidade, de reformas urbanas ao longo do período descrito como Belle Époque, compreendido entre os anos de 1860 a 1930, iluminado pelo ponto de vista de Ponte (2014), as inovações tecnológicas permitiram melhorias no plano infraestrutural, porém víamos, por meio do processo de urbanização, a transição de uma sociedade tradicional para uma sociedade urbana moderna assentada em novos preceitos e códigos sociais. Nesse contexto de transformações urbanas, o homem passou a se privar da esfera pública e da convivência com o outro, as invenções tecnológicas

reestruturaram as dinâmicas e as práticas socioespaciais no processo de produção e de reprodução social no urbano.

Por sua vez, a proposta ora apresentada neste artigo contribui com as proposições da respectiva Sessão Temática 9, que diz respeito a produções científicas que tratem acerca da tríade cidade, história e cultura em disputa, tendo em vista que estamos trazendo como recorte espacial a cidade de Fortaleza, concentradora de tantas forças e ações antagônicas entre agentes produtores do espaço. Para tanto, a metodologia de pesquisa da História Oral dá atenção às vozes de grupos excluídos, no entender de François (2006, p. 4):

A história oral seria inovadora primeiramente por seus objetos, pois dá atenção especial aos “dominados”, aos silenciosos e excluídos da história (mulheres, proletários, marginais, etc.), à história do cotidiano e da vida privada (numa ótima que é o oposto da tradição francesa da história da vida cotidiana), à história local e enraizada. Em segundo lugar, seria inovadora por suas abordagens, que dão preferência a uma “história vista de baixo” (Geschichte von unten, Geschichte von innen), atenta às maneiras de ver e de sentir, e que às estruturas “objetivas” e às determinações coletivas prefere às visões subjetivas e os percursos individuais, numa perspectiva decididamente “micro-histórica”.

A preocupação é a de retratar a realidade social e macroscópica da vida social e urbana pela ótica de um ser vivente que habita a cidade e que tem muito a nos oferecer em termos de saberes populares, desenvolvidos no seio do senso comum, mas que têm enorme relevância para as ciências humanas, principalmente, e para as esferas de gestão e planejamento urbano, visto que essas mesmas pessoas são as que mais sofrem com os processos de desigualdades socioespaciais, com a falta de assistência do Estado em seus bairros. Potencializar essas vozes oprimidas é a tarefa maior da História Oral, trazendo para o centro de discussões suas formas de sociabilidade, suas reivindicações e frentes de luta, comunidades que lutam em prol do acesso, da conquista e manutenção de direitos sociais. São os chamados agentes contra-hegemônicos, que na maioria das vezes, se veem silenciados e são tidos como minorias.

Então, o objetivo deste trabalho é pensar a história urbana de Fortaleza, mais precisamente do Centro, a partir das imagens e representações, de narrativas e relatos de fontes orais de um sujeito que trabalha no perímetro central. Suas impressões e subjetividades nos auxiliarão nesse quebra-cabeça de pensar o Centro da cidade pela microescala do cotidiano, da descrição de experiências, de vivências e até da própria rotina de um ser idoso, pertencente à uma minoria social, como eram os arranjos socioespaciais, a estrutura e a conjuntura social e política em comparação aos dias atuais, o que, de fato, mudou para uma parcela da sociedade que integra a terceira idade, o que sobrou dos componentes deste recorte espacial, do Centro da capital, para que estas mesmas pessoas se reconheçam ainda nos lugares e espaços públicos usados para falar de política, de economia, de cultura e literatura antigamente. Os sentidos de apropriação destes lugares eram políticos e o povo, a classe trabalhadora e coletivos populares se reuniam nas ruas para protestar contra as imposições do governo e da classe dominante, levantavam suas bandeiras nas praças e ecoavam vozes uníssonas em

direção aos ganhos que a massa poderia adquirir graças às mobilizações oportunizadas pelo encontro. Deve ser muito difícil para a população idosa visitar os mesmos espaços e não mais visualizar ali edificações, lojas e os tipos populares que ocupavam as praças históricas do Centro, como a Praça do Ferreira.

Sr. Geraldo, o sebista em destaque, remonta ao quadro social e político na época da ditadura militar e exprime sua insatisfação e a perseguição que sofreu no governo bastante repressivo. Neste período, ele já trabalhava na venda de livros seminovos, porém na década de 1960, foi impedido diversas vezes de pôr à venda suas mercadorias, pois os policiais as recolhiam e não mais devolviam.

Nos próximos tópicos, debruçaremos nosso foco sobre a realização do procedimento da pesquisa qualitativa da História Oral, quais os materiais utilizados e como transcorreu. A entrevista ocorreu no mês de outubro de 2024 e seguiu um roteiro de perguntas semiestruturadas. Na etapa seguinte, o pesquisador transcreveu o material e o conteúdo da entrevista para ser empregado na análise e interpretação das informações apanhadas e levantadas, entretanto, deixando claro aqui que a intenção do entrevistador foi de manter *ipsis litteris* a ordem e o sequenciamento dos fatos e acontecimentos que foram narrados, buscando registrar e apreender, inclusive, não somente a fala e seus aspectos linguísticos, indo para além dessa dimensão, captar as deixas simbólicas do participante, posto que suas expressões não são apenas verbais, são, também, não-verbais (gestos, comportamentos, atitudes, posturas, movimentos com o corpo, suspiros, pausas que podem quebrar ou interromper com o entendimento dos temas tratados, etc.).

SEBO O GERALDO COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA E CENTRO DE MEMÓRIA ESCRITA

No decurso do século XX, muitas livrarias físicas surgem para preencher as lacunas dos intelectuais no que tange às demandas de formação acadêmico-científica. As editoras universitárias também exerciam esse papel de divulgar as produções de pesquisadores. O que se observa após o processo de globalização é exatamente a asfixia de sebos, vemos como pontos de resistência frente ao mundo globalizado onde as tecnologias e as mídias foram tomando mais espaço, disponibilizando aos seus usuários meios e suportes técnicos virtuais para o acesso à informação. As Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC's) suprem parcialmente as necessidades deste público na modernidade, tendo em vista que muitos conservarão ainda o hábito ou a cultura por procura de livrarias de livros impressos, seja pelo tipo de experiência que terão no ato da leitura ou pelo desejo em encontrar alguma obra específica que não é mais produzida nem distribuída pelas editoras locais:

Diante do exposto o estudo sobre os sebos, lugares onde o livro impresso ainda é considerado como fonte inesgotável de conhecimento e possuem um valor não somente vendável, mas também sentimental, se torna relevante visto a sua importância em meio a uma sociedade que, pelo menos aparentemente, tende a valorizar muito mais o digital e o virtual do que o impresso

e palpável. Dessa forma, os sebos, como um ambiente cujo seu produto de venda é dentre outros, obras raras, itens esgotados, obras fora de circulação no mercado de livros, se torna um objeto de estudo relevante visto o seu papel de guarda e de potencializador de leitura, através do livro e outras fontes impressas, em uma sociedade que tem caminhado em sentido a virtualização dos suportes informacionais. (AMORIM, 2013, p. 3)

Como podemos ver, a história de vida de Sr. Geraldo está imbricada no lugar do sebo que administra há muito tempo. Em outras palavras, a relevância histórica e simbólica do sebo se deve, sobretudo, também aos anos de dedicação que este homem dispôs e ainda dispõe à sociedade fortalezense. Andando pelos ambientes do local, é possível reparar nas paredes e em seu bureau de atendimento fotos antigas (Figura 1) quando ele fazia seu *métier* em uma das calçadas do Centro, antes de migrar para o imóvel que abriga o sebo.

Figura 1: Sr. Geraldo, do lado esquerdo da foto, acompanhado de um colega já falecido no trabalho de comércio de livros e revistas usadas na rua Guilherme Rocha.



Fonte: os autores.

Numa série denominado de "Livreiros do Brasil", da iniciativa ou grupo *Seleção Literária*, disponível num canal do Youtube, o documentário mostra a história e o dia a dia tanto do Sr. Geraldo como de sua cunhada, Stela, que lhe ajuda na divulgação dos exemplares nas redes sociais, como presta serviço de atendimento aos clientes no sebo. É interessante que no vídeo, o idoso conta que na instauração da pandemia, de completo isolamento social e de protocolos e outras medidas sanitárias homologadas pelo poder público para conter o coronavírus, eles utilizaram da estratégia de usar o telefone para encomenda de pedidos e só

abriam o comércio para fazer a devida entrega das mercadorias. Segundo o vendedor: “Olha, a Stela fica postando, o pessoal compra e a gente vai entregar de tarde. O jeito que tem que fazer é isso pra poder passar por essas passagens de sufoco.” Já para Stela, o negócio teve que passar por reajustes para sobreviver aquela fase a partir de 2020:

Com esta pandemia, mudou tudo, né? Então a gente teve que se reinventar. Criamos uma página no Instagram, assim, de última hora, né? Porque a gente não tinha. No ano passado, “no olho do furacão”. Graças a Deus, tem dado certo. Não é a mesma coisa de vender no físico, que a pessoa chega aqui e passa até o dia por aqui garimpando e procurando o que encontra, vai procurar o que vem à mente, mas acaba levando o que nem tinha intenção de levar, né? Mas, é isso. A gente tem que se reinventar nesse tempo de pandemia, né? (SELEÇÃO LITERÁRIA, 2021)

A pandemia gerou perdas desastrosas e, conseqüentemente, causou crises profundas em todas as esferas e atividades econômicas. Afetou a vida cotidiana da população, por causa das medidas e das recomendações para que as pessoas não saíssem de suas casas e, assim, não se contaminarem ou dispersarem o vírus. Aqueles que fossem considerados grupos de risco ou que entrassem no rol das comorbidades teriam que redobrar os cuidados para não contraírem a doença. Por possuírem uma saúde mais frágil que outras pessoas, a terceira idade teria que se isolar e obedecer ao confinamento e a privação social. Sr. Geraldo, um idoso octogenário, teve que se adaptar ao novo estilo de vida e, ao mesmo tempo, pensar em formas de atender as demandas de seu negócio sem, é claro, ter que se expor. A solução que adotou foi a de abertura do comércio apenas para uso restrito de entrega de produtos e em uma determinada hora do dia.

Os setores do comércio e de serviços foram os maiores prejudicados com as sucessivas ondas da infecção da Covid-19. Com base nos dados do Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS) e no Cadastro de Empregados e Desempregados (CAGED), Muniz (2022, p. 173) pôde constatar que houve um declínio na produção e na circulação de mercadorias, bem como na área de prestação de serviços: “Já os serviços em Fortaleza, que é o de maior peso na economia, foi o mais atingido pela pandemia de Covid-19; decresceram 13,6% no primeiro ano da pandemia (2020), sobretudo por demandar maior atendimento ao público do que outras áreas.”

Após a retomada gradativa das atividades econômicas, os estabelecimentos e as instituições voltaram a funcionar no novo quadro de normalidade. O pós-pandemia significou uma oportunidade de recomeço, principalmente para a classe trabalhadora, que vive da sua força de trabalho e tira seu sustento e subsistência a partir das relações produtivas.

O sebo do Geraldo resistiu bravamente às intempéries e à grande crise econômica ocasionada pela pandemia. Ao contrário de livrarias renomadas que tiveram de declarar falência em Fortaleza nesse contexto atípico, os sebos existentes entenderam as condições e as dinâmicas adversas naquela temporalidade e contaram com o volume de vendas suficientes para não fecharem permanentemente, vale ressaltar que as redes sociais contribuíram para a efetivação de reservas ou encomendas prévias das mercadorias, sendo um meio de

comunicação entre o vendedor e o comprador. A clientela de Sr. Geraldo só aumentou do fenômeno pandêmico para cá, na medida em que houve o crescimento do acervo bibliográfico total disponível para os interessados.

Importa dizer que o sebo foi agregando para si uma identidade histórica na vida cotidiana dos habitantes da cidade, é um lugar de encontros, de memória afetiva e guarda uma série de registros e elementos do passado. O ontem pode ser acionado através das histórias narradas do vendedor e por uma psicoesfera (SANTOS, 1999) do nosso ambiente de estudo. A psicoesfera se constitui como um meio capaz de fornecer a estrutura intersubjetiva do lugar, dotado de significados, de desejos e intencionalidades dos sujeitos em suas relações interpessoais. Pode-se inferir que o espaço do sebo se constitui como lugar quando o mesmo institui sentidos de proximidade, de identidade histórica e cultural, e mais ainda quando é responsável por uma psicoesfera única:

[...] nas cidades as pessoas dão sentido aos espaços que as rodeiam e é esta atribuição de significados que transforma os espaços em lugares únicos. Pensar aquilo que caracteriza cada lugar implica valorizar a sua dimensão mais intangível e imaterial, aquela que não é quantificável nem mensurável, e que revela o seu significado e continuidade histórica. O passado, nas suas múltiplas formas narrativas, é uma das dimensões mais poderosas neste processo de significação espacial. A narrativa histórica, nas suas formas discursiva, performativa, ritual ou material, tem um papel crucial na constituição e visibilização dos territórios urbanos e alimenta, de múltiplas formas, o sentimento que tem sido designado como 'de pertença' ou 'de ligação' a espaços particulares, revelando a sua identidade. A melhor forma de compreender o 'significado cultural' de cada espaço urbano (Rotenberg, 1993) é ir ao encontro do ponto de vista daqueles que o habitam e usam, numa perspectiva etnográfica centrada em atores e lugares concretos, com a devida contextualização social e histórica. (CORDEIRO, 2017, p. 133)

Podemos considerar o lugar em tese como um dinamizador de práticas culturais de leitura e como um produtor de memórias múltiplas. O objeto contém e carrega uma gama de elementos históricos, culturais e simbólicos do Centro antigo de Fortaleza. É um espaço cultural e um lugar afetivo que integra a paisagem urbana. Para quem costuma frequentar o ambiente físico, visivelmente identificamos no lugar simbólico marcas ou registros do passado, a começar pela fachada do imóvel. A estrutura material é conservada pelo responsável e se traduz como um estímulo visual, imagético, sensorial e perceptivo para aqueles que a experienciam. O comércio de livros antigos instalado naquele ponto é uma forma de preservar, inclusive, os aspectos materiais desta forma espacial simbólica (CORRÊA, 2010) pela função de salvaguarda da memória escrita.

Para Moraes (2005, p. 23):

A paisagem é um registro de época e um documento de cultura. E enquanto tal foi tratado pela Geografia Cultural de Carl Sauer e de Max Sorre. Mesmo assim, no artigo "As condições geográficas dos fatos sociais", Vidal de La Blache instigava os geógrafos a passearem pelos lugares como quem visita um museu. Sem dúvida, as formas criadas permitem uma leitura enquanto símbolo de uma cultura e uma época.

Os referenciais culturais e simbólicos podem ser sentidos e apreendidos em ações de apropriação do sujeito com o lugar. O espaço geográfico é, para Santos (2004, p. 9), “a acumulação desigual dos tempos”. Isso se explica pela capacidade do espaço em agregar e superpor processos de períodos históricos cambiantes, o que temos no espaço urbano é resultado e uma herança das transformações sucessivas no plano da materialidade urbana, na objetividade e subjetividade das ações, funcionando como um verdadeiro palimpsesto de formas e conteúdos dentro da estrutura urbana.

Como já dizia Cosgrove (2012, p. 220): “A geografia está em toda parte.” Basta apurarmos com o nosso olhar clínico a realidade que nos circunda e reflete as contradições socioespaciais e a complexidade como se dão as relações sociais no espaço urbano. No Centro de Fortaleza, caminhando pelas ruas e avenidas históricas, é possível sentir na esfera do vivido o pulsar da polifonia urbana, as paisagens logo se processam à nossa frente e revelam as espacialidades contidas no tempo e espaço dos fatos e acontecimentos que ocorrem corriqueiramente. O geógrafo visualiza um universo de possibilidades de estudo a partir de sua análise geográfica lançada sobre uma determinada paisagem. Aqui nos vislumbramos sobre um recorte espacial e temático específico: a memória histórica na perspectiva de uma memória viva, que nos relata o que o Centro foi e é atualmente, como se transformou no imaginário coletivo. Reviver essas lembranças é realçar a identidade do indivíduo e o seu dever enquanto cidadão que tem consciência do alcance benéfico de suas ações em levar ciência e conhecimento ao povo.

Em seu livro de crônicas sobre vários temas que envolvem a cidade, Pereira (2024, p. 136), uma que chamou mais atenção, *Tudo se urbanizou, menos os lugares da (minha) memória*, o autor nos mostra a potência da lembrança e da imaginação do ser ao retratar sua história de vida: “Nossas lembranças nos fazem cartografar e identificar, no mapa mental, um lugar. Menos pela racionalidade do conhecimento e mais pela beleza das lembranças, ele é produto da realidade e da imaginação. Em outras palavras, é o mundo das afetividades.”

Temos muito o que aprender com as gerações que nos precedem. É no ato de escutar que compreendemos como eram seus modos de vida, o *modus vivendi* da sociedade vista como tradicional, os valores e crenças que eram defendidos e que foram modificados com a incorporação e importação de novos, com a chegada dos processos “civilizatórios” e pelas intervenções urbanas rumo ao progresso.

Os diferentes cenários da história da cidade podem ser expostos pela arte de narrar, a memória ajuda o indivíduo a dar uma coerência e um ordenamento para cada cena projetada na sua fala, significa expressar as imagens mentais e representativas em uma mensagem oralizada, recapitulando, na sucessão dos eventos em que tempo e espaço estes transcorreram e qual foi a importância destes na existência do narrador:

É evidente que, se nove décimos da nossa existência transcorrem na cidade, a cidade é a fonte de nove décimos das imagens sedimentadas em diversos níveis da nossa memória. Essas imagens podem ser visuais ou auditivas e, como todas as imagens, podem ser mnemônicas,

perceptivas, eidéticas. Cada um de nós, em seus itinerários urbanos diários, deixa trabalhar a memória e a imaginação. (ARGAN, 2005, p. 233)

Na seção ulterior, demonstraremos como a ação narrativa é uma excelente ferramenta metodológica, circunscrita na História Oral, para examinar os cenários históricos e culturais pelos quais o Sr. Geraldo presenciou ao longo de sua trajetória como comerciante e, também, como cidadão.

FAZENDO UMA RETROSPECÇÃO DA REALIDADE URBANA DO CENTRO DE FORTALEZA PELAS LENTES DE UM AGENTE SOCIOESPACIAL E HISTÓRICO

Nesta subdivisão, trataremos especificamente sobre a posição do ser idoso, o Sr. Geraldo, enquanto um sujeito que narra suas experiências passadas e vivências de grande relevância pessoal, fazendo uso da entrevista de História Oral. Nosso intuito é mostrar o valor simbólico e a carga semântica que este agente histórico possui para a sociedade fortalezense, em especial na área central onde trabalha.

Se o sujeito social em nossa análise possui 83 anos, certamente aos 30 anos vivenciou os contextos históricos e sociais da década de 1970. A cidade nesta época estava em constante evolução na sua malha urbana e na reconfiguração socioespacial com os processos de expansão do tecido urbano e do aumento das desigualdades sociais. Isso quer dizer que o ser idoso no tempo do presente que ora observamos tem uma maneira específica de se relacionar com o espaço urbano a partir do tempo histórico de sua geração. Turra Neto (2014) examina a questão do conceito da geração como proeminente para compreendermos como que cada sujeito se insere e fomenta práticas de acordo com os vínculos que promovem nos lugares. Uma pessoa jovem não terá a mesma dimensão dos significados da realidade urbana que um idoso, por exemplo. Este conceito surgiu na década de 1960, segundo o autor, porém não avançou nem se desenvolveu após este período da segunda metade do século XX. Assim como o que é pretendido aqui, Turra Neto (2014, p. 321) baseou seu ponto de vista na História Oral de gerações pretéritas:

A maneira como temos realizado a incorporação do conceito de geração nos nossos estudos passou por um trabalho com a memória de gerações mais velhas, a partir da História Oral, que nos ofereceu um conjunto ilimitado de fontes de informação, pelas quais pudemos iluminar a história das nossas cidades com as luzes da vida cotidiana.

Em concordância com sua abordagem e trazendo para nosso objeto de investigação, a diferença dos grupos etários é justamente a relação que tecem com a memória social. A juventude, hoje em dia, tem a se distanciar mais de laços que os conectem com os lugares de encontro ou espaços públicos, já os adultos e idosos têm a mentalidade de preservar e valorizar a coisa pública no seu sentido político e tendem a ser saudosistas ao lembrarem dos tempos de vanguarda da Fortaleza antiga, onde o desenvolvimento urbano e social e os planos de modernização da estrutura urbana estavam sendo postos em prática. Mas cada

sujeito narra suas experiências de seu tempo de acordo com a sua consciência com o espaço urbano. Moraes (2005) não desmerece a prática e o discurso narrativo, muito pelo contrário, coloca-o no patamar de “práxis manipulativa”, oriundos de tradições orais que transmitem seu saber para uma comunidade pelo mecanismo e linguagem oral. “Trata-se de um saber rudimentar, pré-científico, porém não tão distante de certas especializações técnicas geradas na alienação capitalista do trabalho.” (p. 28)

Embora seu arcabouço experiencial seja limitado ao senso comum e aos conhecimentos populares, é através dele que podemos ter uma ideia e uma representação da sociedade num determinado recorte do tempo ou período histórico. O nosso colaborador na pesquisa refletiu um cenário histórico e um contexto sociopolítico repressivo, o do regime da ditadura militar, instaurado no golpe de 1964 e se estendeu até 1984. Suas lembranças são envoltas de sentimentos e sensações de gerações que sofreram com o clima de hostilidade e de perversões dos militares para com a sociedade civil.

Rememorando lugares que conheceu e que teve a oportunidade de comercializar seus livros, um destes pontos foi o *Abrigo Central*, descrito na época como um ponto de convergência diária de cidadãos na década de 1950, a iniciativa contribuiu com a ebulição social e comercial na construção de boxes para a venda de mercadorias diversas. Os escritos de Almada (2011, p. 380) nos ajudam a entender qual a dimensão deste empreendimento na vida social dos cidadãos no Centro:

Com o correr do tempo, todos os prédios que compunham a ala norte da Praça do Ferreira foram derrubados e a demolição deu lugar ao terreno onde foi edificado o Abrigo Central de Fortaleza, na gestão do Prefeito Acrísio Moreira da Rocha, pela década de 50. Naquele espaço retangular do terreno, formado pelas ruas Guilherme Rocha, Pará, Floriano Peixoto e Major Facundo, foi construído o Abrigo Central, iniciativa do então prefeito, local onde se agrupavam políticos, torcedores de futebol e pessoas que ali se dirigiam para apanhar ônibus de vários bairros e linhas que circulavam a Cidade, pela empresa São Jorge, com destino a Praça São Sebastião (Mercado) depois Praça Paula Pessoa (Ruas Justiniano de Serpa, Dom Jerônimo) – Farias Brito, em cujo local existiu o tradicional Jardim São José, mais conhecido como Jardim Japonês, da família Fujita, dos meus amigos – João Batista, Nisabro, Edmar, Francisco (Chico), Luzia e Maria José que injustamente sofreram opressões com o “quebra-quebra” no tempo da 2ª Guerra Mundial de 1944.

Com isso, o empreendimento propiciou o aquecimento no ramo comercial e possibilitou os deslocamentos e um maior dinamismo naquele espaço público por conta das passagens de ônibus naquela rua. A lembrança do Abrigo Central acontece na memória do nosso entrevistado como uma benfeitoria que serviu de espaço para as suas práticas. Os acontecimentos foram muito bem explicitados por ele à medida que conta como foi a consolidação de seu percurso como sebastista no Centro e em quais lugares este se fixou para realizar sua atividade com seu público. Ser comerciante também tornou uma identidade para este idoso, visto que o vínculo estabelecido com o Centro foi gradativamente tomando corpo graças a este ofício que leva para sua vida:

Rapaz, eu cheguei aqui, eu nasci aqui em Fortaleza, mas cedo eu estava aqui com o meu pai. Aí eu me acostumei, ficar e conhecer o Centro, né? Até eu chegar nesse negócio de livro, sabe? Primeiro com uma banquinha, tipo, numa banca de jornal, eu vendia meus livros lá, né? Na calçada dos Correios, na Floriano Peixoto, do lado do sol. "Quente que só o cão!" Depois eu tirei de lá e botei de frente à Casa Colombo, porque é pertinho. Era só atravessar a rua, depois era a Casa Colombo. Mas antes disso aí, eu já vivia há muito tempo no ramo, comprando livros e revistas. E vendia na Guilherme Rocha à noite, antes disso aí que eu falei. Eu vendia na Guilherme Rocha à noite. Do tempo do Abrigo Central, não sei se você conheceu. Então, eu guardava minhas coisas lá. Tinha uma banca ao lado do senhor que a gente chamava ele de xerife. Ele tinha duas bancas, assim, uma do lado da outra. Aí eu guardava meus pacotes de livros e revistas lá na banca dele. Guardava, aí ele passava o dia todo. Naquele tempo, a gente só podia botar depois das 18 horas, os caras na pista, né? Se a gente passasse, o "rapa" levava. Eu também passei algum tempo trabalhando ali no portão do Excelsior Hotel, quando o Excelsior Hotel fechou. Aí, um dia..."Rapaz, eu quero os meus livros aqui." Aí, eu passei foi tempo, em frente à livraria Edésio, no começo dos anos 60. (GERALDO, 2024)

O termo "rapa" significa, em termos práticos, a subtração dos itens ou materiais dos trabalhadores informais pelas autoridades, confisco das mercadorias de mercadores em plena luz do dia, os mesmos sendo pegos de surpresa pelos órgãos de fiscalização do Estado.

O Excelsior Hotel foi erguido na década de 1930 e faz parte do cenário urbano do Centro de Fortaleza. Nota-se que o prédio se destoa dos demais empreendimentos ou equipamentos culturais localizados na Praça do Ferreira, como o Cineteatro São Luiz, inclusive foi inaugurado antes da Coluna da Hora, o primeiro em 1931 e o segundo, em 1933. Infelizmente, a obra foi fechada no ano de 1964 e hospedou grandes personalidades em seu interior durante os seus 33 anos de funcionamento, segundo informações da matéria do jornal local Diário do Nordeste. "Além de ser pioneiro com seus sete andares e um terraço, também foi um dos primeiros hotéis da cidade, em um tempo que Fortaleza ainda não tinha descoberto vocação para o turismo." (Diário do Nordeste, 30 nov. 2014)

Sr. Geraldo é um agente socioespacial por agir e participar ativamente na produção do espaço intraurbano na cidade de Fortaleza, mais precisamente no Centro, nosso recorte espacial de pesquisa. Na perspectiva de Corrêa (2020, p. 43-44):

Os agentes sociais da produção do espaço estão inseridos na temporalidade e espacialidade de cada formação socioespacial capitalista. Refletem, assim, necessidades e possibilidades sociais, criadas por processos e mecanismos que muitos deles criaram. E são os agentes que materializam os processos sociais na forma de um ambiente construído, seja a rede urbana, seja o espaço intraurbano. Afirma-se que processos sociais e agentes sociais são inseparáveis, elementos fundamentais da sociedade e de seu movimento.

Este agente de nosso estudo influi na dinâmica socioespacial e se coloca também como um agente histórico, pois é capaz de fornecer, por fontes narrativas ou orais, as bases da vida social que vivenciou numa dada época. Lembrar e narrar fatos históricos se constitui uma ação política, sendo um ótimo recurso capaz de estimular a consciência histórica pelas vozes de agentes experientes. O trabalho e o alcance da narrativa é semelhante às experiências empíricas proporcionadas pelos geógrafos numa atividade de campo, por exemplo, onde

estes buscam captar os significados e a essência dos lugares nos espaços fazendo uma verdadeira radiografia dos processos, funções, formas e conteúdos que se inserem e dão substância à estrutura ou morfologia urbana aparente. O narrador, por sua vez, revela como era o Centro de Fortaleza, que costumes, hábitos e outros traços culturais caracterizavam o estilo de vida da sociedade em geral e como era o cotidiano pela sua ótica pessoal. Voltar ao seu passado para entender como se deram esses processos históricos é uma das atribuições do sujeito que narra:

As cidades são compostas por espaços multifacetados e as fontes, que canalizam a dinâmica das relações sociais vivenciadas, ampliam-se com a adoção de novos métodos de trabalho na pesquisa histórica. Sem desmerecer as fontes escritas, afinal a escrita é algo sagrado, como se representasse uma cripta da Catedral da história. Contudo, a redescoberta do valor da oralidade nos permite mergulhar no imenso manancial da história urbana, revelando a força de expressão de agentes históricos antes desconsiderados. (JUCÁ, 2011, p. 99)

Rememorar o ontem é uma necessidade de nosso tempo no presente. A realidade que temos é a de um afrouxamento sucessivo e progressivo das relações e das sociabilidades, das possibilidades de encontro que antes eram tão mais expressivas. A história urbana e da cidade é o pano de fundo da história dos sujeitos produtores do espaço. Os níveis de escala e de dimensão são, evidentemente, diferenciados ao se referir a cada conceito, porém os fatos sociais alteram e ressignificam tanto a história urbana como a história de vida dos cidadãos, lhes dão uma significação própria.

No século XXI, os agentes sociais parecem estar desconectados do espírito de presença e tecem suas relações ou se comunicam massivamente pelas redes sociais virtuais. Isso quebra com toda a lógica interacional que existia em gerações anteriores. A sociedade de telas invade a vida e o cotidiano das novas gerações.

A História Oral também nos possibilita enxergar e entender a história dos objetos inscritos na paisagem urbana e qual foi a importância destes na evolução e consolidação da memória da cidade. Como vimos aqui, dois objetos materiais foram palco no cenário histórico do Centro e teve um papel primordial na vida do nosso sujeito idoso, o Abrigo Central e o Excelsior Hotel, fora os espaços públicos pelos quais serviram de sustentação para suas ações.

Ao ser perguntado que lugares ele costuma mais ir ao centro, se anda pelas praças e aprecia os equipamentos instalados na área central (teatros, cinemas, etc.), este retruca dizendo que:

Em todos eu andei, né? Eu vivo aqui quase que preso. Saio para almoçar e volto. Então, quando é cinco horas a gente fecha. Eu vou é pra casa, né? Antigamente, rapaz, era melhor. Eu já andei esse Centro todinho, né? Alguém perguntava alguma coisa e eu sabia, mais ou menos. Há muitos anos que eu vivo aqui pelo Centro. Eu cheguei aqui com uns 20 e poucos anos e já passei de 80. Comecei a trabalhar pelo Centro com 20 e poucos anos. Na época, eu morava no Pirambu. Ontem, talvez (o Centro) fosse melhor, menos perigoso, sabe? Menos gente, menos perigoso. Hoje é mais movimentado, vende mais, mas também acontece algumas coisas que a gente pede a Deus pra não acontecer com a gente. Mas nunca aconteceu nada comigo. (GERALDO, 2024)

Nesse seu depoimento acima, visualizamos a rotina ensejada por ele atualmente por conta da sua idade avançada. Foi mencionado um dos problemas sociais que enfrentamos com mais intensidade na modernidade, o sentimento de insegurança que os cidadãos enfrentam cotidianamente. O medo constante das pessoas em andar nas ruas do Centro da capital se tornou imperativo nos dias hodiernos. O agente em foco traduz, pela arte de narrar e pelos caminhos de lembranças pessoais, o desenrolar dos problemas sociais que são frutos da condição urbana de nossa temporalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elucidamos a questão da história urbana do Centro de Fortaleza pelo olhar e entendimento de uma memória viva, Sr. Geraldo, um sebista que atua há mais de 50 anos nesse segmento comercial. O sujeito aqui exposto faz parte do cenário urbano, uma vez que põe em movimento e em prática seus fazeres e saberes a partir das suas muitas sociabilidades com o Outro, seja este último um cliente, um amigo seu de longas datas ou um desconhecido.

Sua prática de venda de livros antigos é bastante antiga, como pudemos observar na entrevista elaborada com o mesmo em seu sebo, localizado na rua 24 de maio, no Centro. Este ser compartilhou conosco suas vivências na época que marcou profundamente a sociedade nos idos da década de 60 a início de 80, o regime autoritário da ditadura. É importante também destacar que sua atividade variou ao longo de suas permanências no Centro, mas nunca abandonou seu ofício em trabalhar com seu público, dando oportunidade de democratização do conhecimento às classes mais baixas, por oferecer preços populares de suas mercadorias.

Durante o procedimento de escuta das suas reminiscências através da entrevista, o agente histórico expôs muitos dos aspectos da vida social de sua geração nesse tempo histórico específico da história urbana, onde ele foi perseguido e por muitas vezes impedido pelos guardas municipais em dar continuidade ao seu trabalho.

Ao debruçar-se sobre o objeto de pesquisa, a História Oral nos possibilitou enxergar a realidade urbana e as multifacetadas do espaço pela perspectiva da análise discursiva de um agente socioespacial e histórico que vive e promove espacialidades desde muito tempo no Centro da metrópole. Há que se convir, inclusive, que a realização dessa proximidade com este ser idoso foi bastante produtiva para os pesquisadores, porque pudemos (re) conhecer a história do sebo e vê-lo como um verdadeiro museu da memória escrita em nossa cidade, em atribuir ao Sr. Geraldo a identidade de resistência naquilo que faz com tanto esmero e como um protagonista que disputa com a concorrência e a competitividade de empresas que empreendem o mesmo mercado de livros usados, entretanto, de forma virtual. Sua existência nos inspira no sentido de saber valorizar os microterritórios e microterritorialidades do cotidiano no curso de nossas existências dentro da escala do vivido.

REFERÊNCIAS

- ALMADA, Zenilo. **Fortaleza Inesquecível**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011.
- AMORIM, Aryanna da Costa. Sebos e o acesso a memória escrita na cidade de Fortaleza/CE: um estudo preliminar. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 27., 2013, Natal. Anais eletrônicos [...] Natal: ANPUH, 2013, p. 1-17. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/site/anaiscomplementares>. Acesso em: 01 nov. 2024.
- ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CORDEIRO, Graça Índias. A cidade à escala da rua: usos e significados do passado na afirmação de “tradições” locais urbanas. In: CYMBALISTA, Renato; FELDMAN, Sarah; KÜLH, Beatriz M. (Orgs.). **Patrimônio cultural: memória e intervenções urbanas**. 1. ed. São Paulo: Annablume: Núcleo de Apoio e Pesquisa São Paulo, 2017.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Formas simbólicas e espaço: algumas considerações. **GEOgraphia**, v. 9, n. 17, 8 fev. 2010.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. 1. ed., 8ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.
- COSGROVE, Denis. A geografia está em todas as partes: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- GARCIA, Kelly. Aos 83 anos, Hotel Excelsior guarda a memória da Capital de outro tempo. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 30 de nov. de 2014. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/aos-83-anos-hotel-excelsior-guarda-a-memoria-da-capital-de-outro-tempo-1.1163079>. Acesso em: 01 nov. 2024.
- HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Premium, 2011.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ideologias geográficas: Espaço, Cultura e Política no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2005.

MUNIZ, Alexandra Maria Vieira. Economia urbana e mercado de trabalho de Fortaleza no contexto de pandemia da Covid-19. *In*: PEREIRA, Alexandre Queiroz; COSTA, Maria Clélia Lustosa (Orgs.). **Reforma Urbana e Direito à Cidade**: Fortaleza. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022.

PEREIRA, Alexandre Queiroz. **Cidade percebida**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2024.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque**: reforma urbana e controle social (1860-1930). Fortaleza: Demócrito Rocha, 2014.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SELEÇÃO LITERÁRIA. Livrinhos do Brasil – Sebo O Geraldo – Ep. 01. **Youtube**, 2 mai. 2021. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=aQbkCoQsWol>. Acesso em: 01 nov. 2024.

TURRA NETO, Nécio. A noção de geração no estudo das transformações do espaço urbano: contribuições para se pensar a relação entre geografia histórica e práticas culturais na produção da cidade. *In*: OLIVEIRA, Floriano José Godinho et al. (Orgs.). **Geografia urbana**: ciência e ação política. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

VALENÇA, Tatiane Dias Casimiro; REIS, Luciana Araújo dos. Memória e história de vida: dando voz às pessoas idosas. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 18, n. 2, p. 265-281, 2015.